

**Editorial**

**Longeviver:  
Desafio, Descobrimento e Esperança**



**A** edição Nº 9, Ano III da *Revista Longeviver* é nossa primeira tarefa de 2021!!! O ano que passou foi considerado o mais desafiador da nossa geração, pois em cerca de um ano, devido à pandemia de COVID-19, trouxe mudanças em todas as áreas da sociedade, e a morte de milhões de pessoas em todo mundo<sup>1</sup>.

Neste editorial apresentamos nosso primeiro trabalho de curadoria em 2021 e oferecemos aos nossos leitores amplo material, organizado como artigos, relatos de pesquisa, de experiências, reflexões, abrindo espaço para os Primeiros Escritos de alunos ao final da graduação. Compõe também esta edição um interessante, necessário e esclarecedor dossiê com o tema *Sexualidade e Envelhecimento*.

---

<sup>1</sup> Na data do fechamento da revista (02 de janeiro de 2021) os dados indicavam 1.829.846 mortes no mundo, e 195.411 no Brasil, com a observação que os dados são estimados. Ver <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

Mas, de modo diferente de outras edições, não faremos considerações sobre cada um deles, e propomos um ‘caminho de conhecimento’ próprio, sem uma direção definida, pois descobrimento (s) é uma de nossas propostas para 2021.

O ano de 2020 transcorreu sob o signo do medo, do afastamento, das perdas – em todos os níveis – impacto ainda a ser investigado, pois já neste ano 2021, apesar da importância do surgimento da vacina, o futuro – este amanhã, sempre esperado - cobre-se de névoa escura e densa.

Ao longo do ano de 2020 o *Portal do Envelhecimento* e a *Revista Longeviver* mantiveram-se ativos buscando informar e refletir sobre este impacto, e o que acarretava para o chamado ‘grupo de risco’ – a população 60+. Perguntamos: *De que amanhã podemos falar? O que nos anuncia ou esconde? Pensar para quê? Dialogar, com quem? Para quê?*

A esse respeito, afirmou o pensador francês Edgar Morin (2020):

Não sabemos as consequências políticas, econômicas, nacionais e planetárias das restrições causadas pelos confinamentos. Não sabemos se devemos esperar o pior, o melhor, ou ambos misturados: caminhamos na direção a novas incertezas<sup>2</sup>.

Para encontrar um caminho, mesmo em tempos de incertezas, o diálogo é fundamental e, aqui, ‘ferramenta’ de trabalho. Por meio dele nos comunicamos, nos reinventamos, reconstruímos – processo de educação continuada, própria e de outros - nosso objetivo amplo e definitivo de ser e estar no mundo, do qual fazemos parte como cidadãos. A incerteza é parte da vida, mas não é impeditiva de planos e, assim, seguimos como já nos propunha o antropólogo George Balandier (1997) ao afirmar que tudo é “movimento mais incerteza”<sup>3</sup>.

Hoje as perguntas permanecem em aberto, pois a superação da pandemia não aconteceu e, mesmo com a vacina, este vírus e suas mutações, vieram para ficar e todos correm riscos - crianças, jovens e idosos. Mas podemos vislumbrar a esperança na união, em pacto solidário e cidadão, no que a realidade da pandemia trouxe muitos exemplos?

Em entrevista à BBC News Mundo, a escritora americana Rebecca Goldstein<sup>4</sup> - Vencedora da Medalha Nacional de Humanidades – que tem buscado em seus estudos motivos de otimismo nos aspectos mais sombrios da condição humana - relata que, apesar de tudo, o que aconteceu neste período deixou motivos para acreditar na humanidade, no poder da compaixão e na ciência, embora seja difícil pensar nisso agora, ainda há motivos para ter fé no futuro.

<sup>2</sup> Morin, E. *Um festival de incerteza*. Instituto Morin. Junho de 2020. Unisinos. <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599773-um-festival-de-incerteza-artigo-de-edgar-morin>

<sup>3</sup> Balandier, G. (1997). *A Desordem – Elogio do Movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

<sup>4</sup> *Ano Novo: 5 razões pelas quais 2020 também nos deu motivos para esperança, apesar de tudo*. (31/12/2020) <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55496978>

Ao abordar o tema da esperança ela faz uma distinção:

[a esperança] pode ser uma forma leve de autoengano, mas pode também alimentar nossa ambição de melhorar, incitando-nos a melhorar nossas vidas e as dos outros [...] sem uma esperança que nos dê coragem, nunca assumiríamos nossos projetos de longo prazo ou construiríamos nossas relações transformadoras.

Da experiência vivida na pandemia Goldstein sugere que:

fica a lição de que não podemos mudar a realidade apenas por vontade [e] a lição de que o futuro não mudará sozinho, mas requer nossos melhores esforços [...] ganhamos também no conhecimento de quão preciosa e frágil é a nossa vida, bem como a das outras espécies, também cheias de dignidade e esplendor e que são reféns das nossas ações.

Solidariedade, descobrimentos e esperança - nas relações pessoais e entre países - poderia ser então a 'vereda' escolhida, entre tantos caminhos, em um mundo tão desigual? Sabemos que, infelizmente, persiste em muitos lugares o negacionismo e uma espécie de 'cultura da morte', mas não é essa nossa aposta. Alerta Morin (2020, s/p) que:

A crise deveria, sobretudo, abrir nossas mentes, há bastante tempo reduzidas ao imediato, ao secundário e ao frívolo, para o essencial: a importância do amor e da amizade para nosso florescimento pessoal, para a comunidade e para a solidariedade de nossos "eus" nos "nossos", para o destino da Humanidade, dentro da qual cada um de nós é uma mera partícula. Em suma, o confinamento físico deveria favorecer o desconfinamento mental.

O filósofo Mario Sergio Cortella, em entrevista publicada em jornal paulista de grande circulação<sup>5</sup>, já trazia o sinal buscado de descobertas e esperança, quando perguntado sobre a solidão – dos doentes nos hospitais, das pessoas em 'isolamento social, e na superação desta crise:

Tenho visto muita gente tentando romper a ausência de pontes, buscando conexão com quem precisa. Quando Guimarães Rosa criou o título "Grande Sertão: Veredas", ele acertou em cheio a ideia de que a vida é grande sertão e nele a sua percepção é de abandono, que você está sozinho, mas também há veredas. Muita gente, pelo mundo afora, está se colocando como vereda de outras pessoas, mesmo que de forma limitada.

Ao escrevermos este primeiro Editorial da *Revista Longeviver*, janeiro 2021, estamos no limiar de um 'novo tempo', no qual vislumbramos motivos para que continuemos nossos caminhos de esperanças descobertas, ante este

<sup>5</sup> 'O trauma da pandemia não vai nos redimir'. Entrevista concedida a Jairo Marques para o Jornal Folha de São Paulo (edição impressa) em 25 de abril de 2020.

desafio mundial, apostando na ciência e na humanização das relações entre os indivíduos, povos e países. Morin (2020) nos convoca:

A pós-epidemia será uma aventura incerta na qual se desenvolverão as forças do pior e do melhor, estas últimas estando ainda debilitadas e dispersas. Saibamos enfim que o pior não é certo, que o improvável pode irromper, e que, no titânico e inextinguível combate entre inimigos inseparáveis são Eros e Tânatos, é sensato e revigorante tomar parte de Eros.

Desejamos aos nossos leitores que os sentimentos de Esperança e Amor nos fortaleçam neste ano de 2021!

Boa Leitura!!!

Beltrina Côrte e Vera Brandão  
Editoras

